

GUERRA DAS
bronmelias

Disputa envolvendo a
planta opõe **hotel**
de luxo e a Prefeitura
de **Itahabela**, que pediu
remoção para eliminar focos
do mosquito da **dengue**

ESTÊVÃO BERTONI

DE SÃO PAULO

Que fim terão mais de 500 bromélias em Ilhabela ninguém sabe ainda. A prefeitura quer arrancá-las, mas o hotel DPNY, dono das plantas, resiste firmemente à ideia.

Uma queda de braço entre a administração municipal e o maior empregador da ilha, com cerca de 180 funcionários, persiste desde dezembro do ano passado, quando uma notificação foi entregue ao luxuoso hotel do litoral norte de São Paulo.

O documento pedia a retirada, em dois dias, de todas as bromélias — “de modo a eliminar criadouros do mosquito transmissor da dengue com risco iminente à saúde pública”. O descumprimento da ordem acarretaria “penalidades previstas em lei”.

O DPNY se pronunciou em cartas abertas ao prefeito Antônio Colucci (PPS), pedindo que a exigência seja reconsiderada. “Destruir nossas bromélias não acabará com a dengue!”, afirma uma delas.

O hotel alega que a vegetação, que é “parte de sua essência”, recebe cuidados diários. E diz que casos da doença nunca foram registrados ali e que não há provas de focos do mosquito no local.

'TANQUE'

Toda a polêmica está no fato de as bromélias terem um "tanque" que acumula água. Mas o que cai ali, segundo Carlos Moreira, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Bromélias, torna-se comida.

"A bromélia produz uma enzima e faz o processo digestivo de tudo o que cai naquela água. O mosquito sabe que, se botar a larvinha lá, ela está sujeita a ser comida", diz.

Professor do Instituto de Biologia da Unicamp e pesquisador da dengue, Carlos Fernando de Andrade discorda: o *Aedes aegypti* pode sim se desenvolver nas bromélias.

"Em biologia, nada é definitivo. Não dá pra dizer, por decreto, que se produz uma substância e que a larva não sobrevive." Para ele, na impossibilidade de acessar criadouros preferenciais, o mosquito procura alternativas.

"Se as equipes estão achando *Aedes aegypti*, a prefeitura tem que exigir que os donos das bromélias façam alguma coisa", afirma o pesquisador.

LARVAS

Em Itapema (SC), a prefeitura levou um ano para con-

vencer hotéis a remover bromélias após achar larvas do mosquito nas plantas. “Não foi tarefa fácil. O mosquito prefere pneus, mas precisa perpetuar a espécie”, diz Richelle Santos, enfermeira da Vigilância Epidemiológica.

Bromélias também foram retiradas de praças e parques de Jundiaí (SP), onde apenas as espécies raras do Jardim

Botânico foram poupadas.

Mas lá a solução foi menos drástica. “Doamos as plantas para a população, para que, individualmente, pudessem ser cuidadas”, conta Antônio Carlos de Souza, diretor da divisão de parques e praças.

OUTROS CRIADOUROS

Biólogo do Jardim Botânico do Rio, Bruno Rezende Sil-

va defende que as prefeituras deixem as bromélias “em paz” e combatam criadouros em piscinas, lajes e pneus.

“Ao se constatar que existe a larva do *Aedes aegypti*, o que acho muito difícil, o máximo que deveria acontecer é a aplicação de um inseticida natural. Um jardineiro com uma bombinha resolve isso.”

Ele cita um estudo da Fio-cruz (Fundação Oswaldo Cruz) que monitorou, durante um ano, 120 bromélias do Jardim Botânico carioca. Das 2.816 larvas coletadas, só duas eram de *Aedes aegypti*.

Ainda não se sabe se as bromélias do DPNY têm parcela de culpa nos 1.944 casos de dengue registrados neste ano (até setembro) em Ilhabela, segundo o Centro de Vigilância Epidemiológica.

O resultado dos exames que poderiam tirar a dúvida ainda não foi divulgado, segundo a Prefeitura de Ilhabela, que afirma que está analisando o pedido do hotel.